

# O marco do redescobrimiento do Brasil

» IBANEIS ROCHA  
Governador do Distrito Federal

Brasília foi criada sobre dois pilares fundamentais: esperança e trabalho. O objetivo primordial de redirecionar o progresso do país foi plenamente alcançado; a sonhada nova fronteira é hoje responsável pelas maiores riquezas do país. O sonho de fazer uma cidade linda no meio do ermo também está cumprido. Brasília é o marco do redescobrimiento do Brasil.

Aos 61 anos, a capital está diante de um novo desafio, que vai ser vencido com os mesmos princípios que guiaram os nossos pioneiros, mostrando, mais uma vez, a força e o espírito empreendedor da nossa gente. A pandemia da covid-19 afetou o mundo todo; aqui, atrasou projetos importantes, reduziu a velocidade de ações, mas não foi capaz de nos parar.

Para combater os efeitos causados pela interrupção de algumas atividades econômicas, aceleramos outras, principalmente a construção civil, que hoje emprega mais de 30 mil pessoas só nas obras públicas. Ao mesmo tempo, abrimos crédito — por meio do Banco de Brasília — para que empreendedores pudessem resistir aos tempos difíceis. Já são mais de R\$ 5 bilhões à disposição, principalmente, dos micro e pequenos empresários.

O DF não parou. Ao contrário, avançou. Obras estacionadas há anos foram retomadas — o caso mais emblemático é o da safda norte, que, a partir da inauguração de seu 23º viaduto, o último planejado, e ainda este mês, passa a se chamar Complexo Viário Governador Roriz. Também recuperamos a estrutura de todos os viadutos da área tombada, cuidado que, agora, chega à ponte Costa e Silva, que tem a integridade ameaçada pelos anos de abandono.

O trabalho de recuperação do Distrito Federal avança também na Praça do Cidadão, do Setor Comercial Sul, todo o Setor de Rádio e TV Sul, a W3 Sul, a avenida dos Pioneiros, no Gama, a Hélio Prates, entre Ceilândia e Taguatinga, o recapeamento e a nova iluminação do Eixo e da Epig, do Sudoeste ao Setor de Indústrias Gráficas. E vamos iniciar a reforma da Avenida Paranoá, naquela cidade, com investimento de R\$ 32 milhões. São intervenções que marcam a retomada do orgulho do brasileiro em viver numa cidade bonita e confortável.

É preciso citar o exemplo de Vicente Pires. Depois de qualquer chuva, a cidade era destaque nos noticiários, com prejuízos imensos



aos moradores. Refizemos todos os projetos e investimos R\$ 560 milhões em grandes obras, desde imensas galerias pluviais até lagoas de contenção, para urbanizar de maneira definitiva a cidade. O resultado está à vista de todos, vale a pena visitar Vicente Pires.

Hoje mesmo entregaremos o Museu de Arte de Brasília, a casa do artista brasileiro, que conta a história artística desses nossos 61 anos. Ficou 14 anos fechado. Também vamos

devolver a Concha Acústica à cidade e, até o final do ano, queremos entregar a primeira etapa da reforma do Teatro Nacional, abrindo a sala Martins Pena.

Também investimos em projetos novos, com destaque para o túnel de Taguatinga, obra que vinha sendo adiada havia décadas, que avança mesmo com as fortes chuvas deste ano. O túnel, além de facilitar o trânsito na região mais populosa do Distrito Federal, vai transformar o centro de Taguatinga com um grande boulevard para valorizar o comércio da cidade.

Já começamos a construção do viaduto do Recanto das Emas, que vai resolver um sério problema de trânsito que aflige mais de 100 mil motoristas todos os dias, e de dois viadutos no Setor Policial Sul, cujas obras foram retomadas. Nos próximos dias, começaremos o viaduto da Epig, no Sudoeste, e estão em fase final de projeto os viadutos do Itapuã, de Sobradinho e do Jardim Botânico. É como dizemos: Desculpe o transtorno, o DF está em obras.

Ao mesmo tempo, procuramos cuidar da saúde, investindo pesadamente no reforço e na readequação da nossa rede pública. Desde o início da pandemia, contratamos mais de 6.500 profissionais, investimos em equipamentos e na construção de novas estruturas, que vão ficar permanentemente para o atendimento da população. Em mais alguns dias, vamos abrir três hospitais de campanha, cada um com cem leitos, e mais um hospital permanente, com outros cem leitos, localizado ao lado do Hospital de Samambaia.

Eles vão se juntar aos dois hospitais construídos em Ceilândia, ao da Polícia Militar e ao da Papuda, que estão funcionando, e às sete Unidades de Pronto Atendimento (UPA) que estão em construção, sendo que a de Ceilândia está quase pronta. Essas construções sofreram atraso por conta da pandemia, mas o ritmo das obras foi retomado e, em breve, Paranoá, Riacho Fundo, Brazlândia, Gama, Vicente Pires e Planaltina terão suas unidades.

Nosso trabalho não para; há um esforço conjunto que vai continuar para que a esperança esteja sempre ao lado da nossa gente e renasça permanentemente, num ciclo perpétuo de redescobertas. É como escreveu o poeta TT Catalão: “Em Brasília/ há um tempo em que/ a vida desaparece,/ mas não cessa./ Apenas aguarda/ e se fortalece/ sem pressa./ Até um dia/ de novo, cresce./ E assim tudo recomeça”. Parabéns, Brasília. Parabéns, brasileiros.

## #capitaldaesperança

» JOE VALLE  
Empresário. Foi deputado distrital e presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Com certeza, você já leu ou ouviu a frase “Brasília, capital da esperança”. Não sei quando, onde ou em qual contexto, mas você a conhece. O que talvez desconheça é que, mais do que uma frase, ela é também um verso que acompanha os habitantes do nosso quadrado, o Distrito Federal, desde o seu nascimento. Um verso do universo brasileiro. Um verso que se renova a todo momento, que nos motiva, que nos faz buscar o melhor em cada um de nós e que, acima de tudo, nos enche de orgulho. A esperança está em nossa gênese, em nosso DNA. A esperança é o que nos move, é o nosso jeito de viver e acreditar. É a marca de nascença de Brasília e também é a nossa “tag”, nossa “hashtag”, nas redes de nossas vidas.

“Brasília, capital da esperança” surgiu como música, em ritmo de marchinha. De autoria de Simão Neto e Ariovaldo Pires (o capitão Furtado, radialista e um dos compositores mais gravados na história da música popular brasileira), foi composta entre 1959 e 1960. De tão tocada nos anos 1960, levou muitos a imaginarem que se tratava do hino oficial do Distrito Federal.

Por destacar o espírito desbravador existente à época e o simbolismo que a nova capital

representava para um novo Brasil, suas estrofas caíram no gosto popular: “Em meio à terra virgem desbravada/na mais esplendorosa alvorada/feliz como um sorriso de criança/um sonho transformou-se em realidade/surgiu a mais fantástica cidade/“Brasília, capital da esperança”; e, ainda, “Desperta o gigante brasileiro/desperta e proclama ao mundo inteiro/num brado de orgulho e confiança: nasceu a linda Brasília/a “capital da esperança”.

Nossa cidade não só é, como merece ser a capital da esperança. A capital de todos os brasileiros. Um farol que mostra o caminho a seguir. Por muitos anos, Brasília inspirou, ultrapassou barreiras e foi uma cidade de vanguarda. Ousou na educação, na saúde, na cultura. Ousou ser uma cidade diferente, mas sem perder a capacidade de acolher.

Hoje, sem festas, mas igualmente esperançosos, comemoramos os 61 anos de Brasília. Somos cidade, somos realidade. Resilientes, renovamos nossa esperança. Sonhamos com o futuro, confiamos na ciência e seguimos acreditando na imensa capacidade humana de se reinventar. Nesta pandemia, a inteligência de cada um é necessária para nos adaptarmos e avançarmos coletivamente. A adaptação dependerá do conhecimento disponível,

da superação de desavenças e da capacidade de buscarmos o que nos pode unir.

Os tempos não são fáceis. Estamos perdendo muitas pessoas para a covid, profissionais da saúde exaustos, sistema de saúde em colapso, a insegurança alimentar e a fome são realidades, desemprego. A gestão pública também precisa se adaptar. Inovar. Avaliar. Monitorar. Agir. Vivemos tempos de muita desesperança e tristeza. Temos sempre presente palavras do vice-reitor da Universidade Nova de Lisboa, João Amaro de Matos: “a capacidade de inovar vem do impacto social, por vezes involuntário, refletido na redução da pobreza, das doenças, das guerras e da maior produção de alimentos”.

É longa a caminhada. Inclui interrupções e retrocessos frustrantes. Não podemos parar de nos mobilizar constantemente para que Brasília volte a ser a capital da esperança. Volte a ser uma cidade de vanguarda. Volte a ser tudo o que ela pode ser! Somos sonhadores, apostamos tudo no processo democrático, no lento e persistente trabalho de sensibilizar e mobilizar para conformar maiorias, ouvir e respeitar opiniões, construir consensos. Sonhemos. “É dos sonhos dos homens que uma cidade se inventa”, dizia o poeta recifense Carlos Pena Filho”.

## Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // [circacunha.df@dabr.com.br](mailto:circacunha.df@dabr.com.br)

## O mundo de olho nas riquezas do Brasil. Como sempre

Em meio ao clímax da pandemia no país, pelo menos no que diz respeito à chamada segunda onda, a questão do meio ambiente, principalmente o problema dos altos índices de desmatamento, parece ter saído do foco da opinião pública, resumindo-se, agora, em preocupação central apenas para os ambientalistas de sempre e para outros devotados à causa da defesa de nossas florestas.

Nesses tempos incertos, obviamente que a questão central passou a ser a manutenção das vidas. Cientes desse vácuo e longe dos holofotes e da atenção geral, os grileiros e os madeireiros nunca tiveram tantas oportunidades e espaço para agirem. Com os órgãos de fiscalização esvaziados e colocados em descréditos pelo próprio governo, e com a Polícia Federal mantida em rédea curta pelo Executivo, as clareiras abertas, como chagas dilaceradas por bombardeios, vão se multiplicando ao longo do tapete verde.

Não fossem as observações contínuas e as medições realizadas por satélites de muitos países, esses seriam crimes que iriam permanecer para sempre escondidos de todos. O mundo observa o que vai se sucedendo com nossas florestas, e não há discursos ou promessas que nossas autoridades possam fazer nas assembleias e foros internacionais que eles já não saibam de antemão e com dados mais precisos do que os que possuímos.

Estamos mal na fotografia e não serão promessas vãs, do tipo que comumente são feitas em campanhas eleitorais, que irão vencer os outros países de que temos feito a lição de casa no tocante aos efeitos das mudanças climáticas. O mundo quer ver resultados e, por isso mesmo, fechou as torneiras de ajuda financeira destinadas à proteção do meio ambiente. São recursos que fazem falta ao setor, principalmente agora que o dinheiro vai ficando mais curto.

Por certo, não se faz política pública apenas com recursos. Antes de tudo, é preciso responsabilidade socioambiental emanada claramente pelo governo. Com ações efetivas, e não com projetos desenhados apenas no papel branco. Na falta de um conjunto de medidas concretas nessa área, muitas carteiras de investimento que poderiam vir para o Brasil simplesmente são encerradas.

Países como Canadá, Noruega e outros, que contam com fundos exclusivos para ser investidos em boas práticas ambientais, já desistiram do Brasil e do governo Bolsonaro. Nosso ministro do Meio Ambiente é visto lá fora como persona que trabalha contra a própria pasta e a favor dos madeireiros e garimpeiros, sendo costumeiramente citado por políticos de muitos países como alguém que mereceria ser investigado por sua conduta e declarações contra o meio ambiente.

A propaganda difundida em todo o mundo contra a política ambiental do Brasil não poupa nem o presidente nem seu ministro. Essa história de “passar a boiada”, confessada pelo próprio Ricardo Salles em reunião no Palácio do Planalto, já é de conhecimento mundial e tem prejudicado não só a imagem do país, como a questão dos fundos que poderiam vir ajudar na conservação.

### »» A frase que foi pronunciada

“É melhor um pássaro na mão e outro na gaiola”.

Filósofo de Mondubim

### Sem fim

» Mais ônibus chegaram e, mesmo assim, os usuários esperam cerca de 45 minutos por um veículo. É um absurdo.

### Passado

» Já que estamos falando da TCB, os ônibus faziam contramão no Eixo Monumental. E continuam. Só que deixaram de fazer a partir da W3, mas estão entrando, agora, no Eixo, atrás da Torre de Televisão.

### Sem comentário

» Está sob censura o rádio em Recife, e a Jornal do Brasil está suspensa por três dias. Espero que essas notícias não sejam alarmantes, mas é que sou contra a censura. A notícia falsa se desfaz por si só, sem precisar de bridão.

### Cadê o dinheiro?

» E por falar em enchente, ainda não foi explicado o destino dado ao café enviado para as vítimas de Óros. Sabe-se, isto sim, que os flagelados continuaram tomando manjerioba, e uns poucos beberam 50 mil sacas de café.

### Sem mérito

» Todo mundo do novo governo estará recebendo, por estes dias, a comenda de Mérito Tamandaré. A que título é que não se sabe.

### Impressionante

» Os deputados estão fazendo um negócio que só eles entendem: marcam uma semana de “rush” e vêm todos para Brasília. Os que não vêm são descontados em todas as suas faltas. Os que vêm podem faltar na semana seguinte, que a generosa abona as faltas.

### Impressionante 2

» Os que moram aqui, entretanto, comparecem às sessões que devem comparecer e às que devem faltar, e nem por isso ninguém dá um pouquinho a mais para eles. Caso omissis.

### Convite

» Todas as notas da coluna de hoje foram publicadas quando Brasília tinha 1 ano de idade. Convidamos os leitores a tirar as próprias conclusões.

### »» História de Brasília

O professor *Hermes Lima* é de opinião que deve vir para Brasília, a diretoria geral da Fazenda Nacional, a Diretoria de Despesa Pública e a Divisão de Orçamento do Ministério da Fazenda. (Publicada em 01.02.1962)